

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Curso de Graduação em Filosofia

Stella Carrión Teruel

Matrícula 14/0077219

Turma CR

**TAGARELICE E BAJULAÇÃO
EM PLUTARCO: O QUE MUDOU?**

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Araújo Reis

Brasília

Abril de 2022

Stella Carrión Teruel

TAGARELICE E BAJULAÇÃO EM PLUTARCO: O QUE MUDOU?

Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Filosofia

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Cláudio Araújo Reis
Orientador

Prof. Dr. Marcio Gimenes de Paula
Examinador

Universidade de Brasília, 10 de maio de 2022.

A Rosângela e Telma,
amigas certas das horas incertas.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, por sua infindável paciência e por ter-me apresentado Plutarco e Rousseau. Ao colega Marcos Berino, pela ajuda com a formatação e as regras ABNT. Ao colega Caio, pela ajuda com as dúvidas sobre o currículo escolar das escolas públicas. Às colegas Cleide e Francinete, pelos livros emprestados e a troca de ideias e apoio durante a confecção deste trabalho. Ao Saturnino e à Maria, pela ajuda com os vocábulos gregos. À Josélia, pelo carinho e a visita durante minha convalescença. À minha inseparável amiga felina Nica, pela companhia enquanto eu escrevia estas páginas. Ao meu amado marido, pelos jantarezinhas, apoio psicológico e todo o carinho e dedicação durante os momentos difíceis e as páginas escritas no hospital.

RESUMO

Este estudo teve por objetivo compreender quem foi Plutarco, qual sua filiação filosófica, sua metodologia, o que ele escreveu sobre a tagarelice e a bajulação e por que seus tratados foram tão populares entre os filósofos modernos. Por antítese, deparamo-nos com seus pensamentos sobre a nobreza do silêncio e a virtude da amizade, cujos valores permanecem inalterados até hoje.

Palavras-Chave: Plutarco; Tagarelice; Bajulação; Amizade; Silêncio; Política; Governo; Autoconhecimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. QUEM FOI PLUTARCO	9
1.1 Orientação filosófica	11
1.2 Gênero literário e estilo	13
2. SOBRE A TAGARELICE	18
3. COMO DISTINGUIR O BAJULADOR DO AMIGO	23
4. PLATÃO, ARISTÓTELES E A AMIZADE.....	27
5. A ADMIRAÇÃO DE ROUSSEAU POR PLUTARCO.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

INTRODUÇÃO

Este estudo é um relato simples do trajeto que percorremos em busca de informações sobre Plutarco, o filósofo grego da antiguidade: quem foi ele, qual era seu estilo de escrever, alguns aspectos de seu pensamento filosófico, quem o influenciou, por que ele influenciou os filósofos modernos e por que suas ideias nos parecem tão atuais quase dois mil anos depois.

Nosso interesse por Plutarco surgiu em 2018, quando ouvimos falar dele pela primeira vez, durante uma aula de *Tópicos Especiais de História da Filosofia Moderna*, disciplina integrante do curso de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB). Na ocasião, o Prof. Dr. Cláudio Araújo Reis, nosso orientador, citou Plutarco e a questão da amizade como temas que influenciaram Jean-Jacques Rousseau e os filósofos modernos. Essa observação despertou nossa curiosidade e motivou-nos a investigar o tema, haja vista ter partido de alguém que já na antiguidade demonstrava profundo conhecimento sobre a natureza humana, a ponto de atrair a admiração de um iluminista.

Escritas com franqueza incisiva, capaz de causar espanto em seus leitores quase dois mil anos depois, estas são as duas obras de Plutarco indicadas por nosso orientador e que se tornaram objeto deste estudo: a primeira, *Sobre a Tagarelize* (2008), na qual o filósofo discorre sobre a inconveniência do comportamento do indivíduo falador, suas consequências e sua cura, culminando por enaltecer a nobreza do silêncio; a segunda, *Como Distinguir o Bajulador do Amigo* (2015), aborda a questão da amizade por sua antítese, a bajulação. Nesta obra, Plutarco denuncia as estratégias utilizadas por aqueles que se fazem passar por amigos de pessoas influentes objetivando tirar vantagem pessoal dessa relação. Para isso se valem da própria ufania de seus alvos, dizendo o que agrada aos ouvidos do bajulado, entre outros atos. Plutarco mostra como amigos verdadeiros sabem fazer uso da franqueza, da mesma forma que ele escreve seus tratados.

No primeiro semestre de 2021, mais precisamente em 17 de julho, enquanto nos aplicávamos a esta pesquisa, ouvimos falar novamente de Plutarco pelo Prof. Dr. Márcio Gimenes de Paula, do Departamento de Filosofia da UnB. O Prof. Márcio dedicou uma videoaula ao filósofo na qual trata justamente do tratado sobre a bajulação que estávamos estudando e, novamente, citou como pensadores modernos como Montaigne, Shakespeare, Schiller e Maquiavel haviam sido influenciados por suas ideias (conforme

canal do professor no YouTube, aula disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gxsQCFbHYE0>, acesso em 3-set-2021). No capítulo 5 deste estudo investigaremos a influência de Plutarco em algumas obras de Rousseau, visto que este foi o iluminista citado por nosso orientador quando ouvimos falar do filósofo grego pela primeira vez.

Buscamos, também, a questão da amizade para Aristóteles em *Ética a Nicômaco* (2016), assim como em *Alcibíades Primeiro* (2015), de Platão, predecessores de Plutarco citados pelo filósofo grego em seu tratado sobre a dicotomia bajulação-amizade.

Acabamos por concluir que o conhecimento de Plutarco sobre a natureza humana é profundo e que, tanto no caso da dicotomia tagarelice-silêncio quanto no da bajulação-amizade, nada mudou nesse aspecto desde a antiguidade até o momento.

Manteremos a narração deste estudo em segunda pessoa do plural por uma questão de modéstia, haja vista que devemos a nosso orientador a descoberta desse filósofo, ainda que aquilo que aqui escrevemos seja de responsabilidade nossa sob a orientação dele.

1 QUEM FOI PLUTARCO

Nossas primeiras informações sobre Plutarco e os fatores que o motivaram a escrever sobre a amizade vieram das notas e comentários das professoras Maria Nunes Ribeiro Echalar e Maria Aparecida de Oliveira Silva, respectivamente tradutoras das edições brasileiras de *Sobre a Tagarelice* (PLUTARCO, 2008) e de *Como Distinguir o Bajulador do Amigo* (PLUTARCO, 2015): Plutarco nasceu na Queroneia no século I¹ da era cristã. Foi sacerdote de Apolo e homem de grande prestígio político. Tornou-se cidadão romano, foi procurador da Acaia, embaixador e procônsul durante o governo do Imperador Trajano, de quem recebeu as honras pela composição das *Obras Morais e de Costumes (Moralia)*. Segundo o Prof. Márcio, Plutarco foi um filósofo moralista ocupado de temas éticos, daí sua coletânea de 85 tratados sobre o tema, a *Moralia*. Desse compêndio são oriundos os dois tratados nos quais basearemos este estudo, sobre as dicotomias tagarelice-silêncio e bajulação-amizade.

Essas informações iniciais sobre a vida do filósofo nos levam a crer que a Plutarco não faltavam experiência humana, sabedoria e conhecimento sobre o ambiente político e social em que vivia, bem como daqueles que o compunham: como sacerdote de Apolo, provavelmente conhecia a natureza humana dos devotos acostumados a oferecer sacrifícios à deidade objetivando a obtenção de graças e favores; como político, convivia com aqueles que diziam aos homens influentes o que lhes era agradável ouvir, em benefício de seus próprios interesses. Entendemos o quanto essa experiência de vida possa lhe ter proporcionado capacidade de análise e conhecimento humano para identificar a ação dos bajuladores como uma ameaça aos homens de poder, como lembra o filósofo: “Assim, não vemos a bajulação seguindo pobres nem desconhecidos, nem incapazes, mas se tornando uma doença e uma queda para as grandes casas e os grandes assuntos e, muitas vezes, arruinando reinos e impérios; (...)” (PLUTARCO, 2015, p. 26). Plutarco valia-se de experiência pessoal para tratar desses temas.

Em seguida, localizamos na rede mundial de computadores a edição lusitana das *Obras Morais – Como distinguir um adulator de um amigo, Como retirar benefícios dos inimigos, Acerca do número excessivo de amigos*, também citada pelo Prof. Márcio. Em sua *Introdução Geral*, a tradutora dessas obras, a Prof^a. Paula Barata Dias, apresenta-nos

¹ Optamos por citar apenas o século em que Plutarco viveu visto que as notas constantes das obras citadas divergem quanto ao seu ano de nascimento.

Plutarco como um homem de intensa vida social, que dirigiu seu tratado sobre adulação ao cônsul Antíoco Filopapo, pois gozava de visão política e capacidade de análise sobre tal comportamento enquanto característica daqueles que, com intuito de tirar vantagem individual da situação, rodeavam esses políticos se fazendo passar por amigos (PLUTARCO, 2010, p. 10).

A Prof^a. Maria Aparecida de Oliveira Silva, citando Barbara Puech², afirma que a intenção de Plutarco com relação a Antíoco Filopapo vai além de ensiná-lo a identificar os bajuladores: o filósofo objetiva prover o estadista de subsídios para manutenção da harmonia em seu governo (PUECH apud PLUTARCO, 2015, p. 10). Aprofundaremos esse tema no capítulo 3 deste estudo.

² PUECH, B. Prosopographie des amis de Plutarque. *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, Band 33.6, 1992, p. 4873. (PLUTARCO, 2015, P. 10).

1.1 ORIENTAÇÃO FILOSÓFICA

Uma vez compreendidos os traços biográficos de Plutarco que o ligavam ao objeto de interesse de nosso estudo, buscamos algumas indicações sobre sua orientação filosófica. A *Introdução Geral* de Paula Barata Dias (PLUTARCO, 2010) e as obras do filósofo que estamos estudando nos proporcionaram algumas direções a esse respeito.

Com base em suas obras sobre a amizade e nas outras que compõem a *Moralia*, a Prof^a. Paula Barata Dias nos apresenta Plutarco como autor eclético que aborda temas tanto físicos quanto metafísicos, sociológicos, pedagógicos e artísticos, bem como se demonstra interessado na integração social do indivíduo. Segundo a professora, a filosofia de Plutarco viria de origem socrática e de seus seguidores (Sócrates, Platão, Xenofonte e Aristóteles), dada a questão filosófica sobre o conhecimento da verdade constante dos textos sobre a amizade traduzidos por ela, assim como a admiração que Plutarco manifesta sobre esses filósofos. Dias nos lembra também a forte presença da ética aristotélica, considerando a superioridade do bem coletivo em relação ao individual para Plutarco (PLUTARCO, 2010, p. 44 a 47).

Paula Barata Dias cita também o Cinismo como outra corrente filosófica que influenciou Plutarco, cujas características surgem em seu estilo de escrever: o emprego de um discurso casuístico; a ausência de conexão entre religião, divindades e moralidade; o ceticismo irônico como ponto de partida para a argumentação; a fórmula retórica que preside à enunciação das premissas, explorando o estranhamento e a posição minoritária diante do tema a ser tratado; a presença de linguagem sentenciosa e proverbial, de elocução breve; a comparação entre a realidade humana e o mundo natural, onde a natureza é senhora do destino e ambos condicionados a leis universais intransponíveis pela vontade humana (PLUTARCO, 2010, p. 47-49). Dias cita ainda algumas “ideias-força” comuns à moral cínica:

Finalmente, encontramos presente em Plutarco algumas ideias-força comuns à moral cínica, que teriam integrado, no Cinismo Imperial, uma espécie de súpula de filosofia popular, sobretudo a partir dos *Discursos* de Diógenes Laércio: a consciência da fragilidade humana, só ultrapassável por uma rigorosa disciplina; o propósito de felicidade, fundado no expurgar das emoções dolorosas e inúteis, como são a ira, a inveja e o ciúme, o orgulho, a tristeza, o ressentimento; o alcançar da tranquilidade e do silêncio face ao ruído imposto pelas obrigações sociais; a exigência de um treino, de um método para, primeiramente, ser capaz de se examinar a si mesmo e, secundariamente,

discernir sobre a qualidade dos relacionamentos a que se propõe.” (M.-O. GOULET-CAZÉ apud PLUTARCO, 2010, p. 49-50).

O conhecimento socrático-apolíneo, a felicidade e o bem-estar coletivo aristotélico e a ascese cínica em forma de treino e esforço surgiram em ambos os tratados que foram objetos deste estudo e serão discutidos de alguma forma nos próximos capítulos.

1.2 GÊNERO LITERÁRIO E ESTILO

Tanto os autores internacionais quanto os tradutores das obras de Plutarco que vimos estudando referem-se a elas como *tratados*. Para que melhor compreendêssemos o significado desse gênero literário e sentíssemos a segurança necessária para continuar nos referindo a tais obras dessa forma recorreremos a um texto sobre o assunto extraído do livro *Filosofia: o que é? Para que serve*, de Danilo Marcondes e Irley Franco. A definição de tratado apresentada pelos autores nos deixou mais à vontade para assim nos referir às obras de Plutarco aqui estudadas:

Dá-se esse nome ao gênero literário que se caracteriza por uma exposição formal e sistemática acerca dos princípios de um determinado assunto – filosofia, ciência, arte, arquitetura... Em um tratado, a exposição das ideias, conceitos etc. é explicativa, às vezes didática, sendo uma de suas principais características o uso da linguagem lógico-discursiva, isto é, que faz encadeamentos causais e necessários, que articula e relaciona entre si os argumentos, de modo a demonstrar a correção ou incorreção de certas teses ou noções. A linguagem lógico-discursiva supostamente torna o discurso mais lógico e objetivo. (MARCONDES, 2011, p. 36-37)

Uma vez esclarecida a questão do gênero literário, partimos para a compreensão dos elementos que compunham o estilo e a metodologia do filósofo para a escrita de seus tratados, a partir da já citada *Introdução Geral* da Prof^a. Paula Barata Dias. A professora apontou elementos importantes sobre o estilo de Plutarco encontrados nos tratados sobre amizade constantes do compêndio por ela traduzido. Destacamos alguns desses elementos sobre os quais manteremos nosso foco, haja vista termos localizado essas características análogas às obras do filósofo que escolhemos como objeto deste estudo, isto é, *Sobre a Tagarelice* (PLUTARCO, 2008) e *Como Distinguir o Bajulador do Amigo* (PLUTARCO, 2015):

a) *Introdução ao tema a ser abordado com base na figura do estranhamento, defendendo um ponto de vista que não é o da maioria, evocando autoridades filosóficas como coadjuvantes, cuja tese inicial cresce nas premissas secundárias, sustentadas pela casuística*: Dias cita como Plutarco inicia seus tratados “apoiado na figura do estranhamento, tomando para si o papel de defesa de um ponto de vista que não é majoritário e que, à primeira vista se revela mesmo contrário à razão.” (PLUTARCO, 2010, p. 8).

Buscamos essa característica no primeiro parágrafo da edição de *Como Distinguir o Bajulador do Amigo* (PLUTARCO, 2015) que estamos estudando. Pouco preocupado

com saudações ou introitos, Plutarco já inicia seu tratado falando sobre o homem de autoestima inflada, e dirige-se a Antíoco Filopapo, seu interlocutor, citando Platão para fundamentar seu espanto sobre as consequências do excesso de amor-próprio, apresentado como “um grandioso mal”, que caracteriza aqueles que se permitem transformar em plataforma de ataque para bajuladores:

Para o homem que declara amar muito a si mesmo, Antíoco Filopapo, Platão afirma que todos lhe concedem o seu perdão, mas, junto com muitos outros vícios, introduz-se um grandioso mal, pelo qual não lhe é possível ter um julgamento justo nem imparcial sobre si mesmo; ‘pois o amor é cego a respeito do objeto amado’, a não ser que, pelo aprendizado, tenha se habituado a honrar e a procurar as coisas belas mais que as naturais e as familiares. Isso oferece ao bajulador um espaço muito amplo no decorrer de uma amizade, ele tem o nosso amor-próprio como uma base de operação vigorosa contra nós. (PLUTARCO, 2015, p. 23-24, grifo nosso).

Como diz Paula Barata Dias, Plutarco evoca “autoridades filosóficas coadjuvantes”, neste caso Platão, para reforçar sua tese de credibilidade que inicialmente pode parecer fraca (PLUTARCO, 2010, p. 8).

Encontramos essa mesma característica no início do tratado *Sobre a Tagarelice* (PLUTARCO, 2008). O estranhamento sobre o tema a ser abordado vem anunciado pelos adjetivos *delicado* e *difícil*, constantes da primeira linha do primeiro parágrafo do primeiro capítulo, cujo início é, igualmente, sem rodeios: “É delicado e difícil para a filosofia empreender a cura da tagarelice.” (PLUTARCO, 2010, p. 8, grifo nosso). Na sequência, o filósofo critica o tagarela e fundamenta sua tese na autoridade do poeta Eurípedes:

Pois seu remédio, a palavra, é feito para aqueles que ouvem, e os tagarelas não ouvem ninguém, já que estão sempre falando. Eis o primeiro mal contido na incapacidade de se calar: a incapacidade de ouvir. É uma surdez voluntária, de homens que, suponho, censuram à natureza o fato de terem apenas uma língua, embora tenham duas orelhas. Se Eurípedes realmente fez bem de dizer a um ouvinte imbecil: “Eu não poderia encher o que nada segura, vertendo palavras sábias num homem sem sabedoria”, seria ainda mais apropriado dizer ao tagarela: “Eu não poderia encher o que nada recebe vertendo palavras sábias...”, ou antes inundando de palavras um homem que fala aos que não o ouvem e não ouve os que lhe falam. (PLUTARCO, 2010, p. 8).

O filósofo desenrolará sua narração com base em comentários irônicos sobre a tagarelice, como é típico da influência cínica citada no capítulo 1.2 e, na sequência, virão os exemplos de personalidades da antiguidade que demonstram suas afirmações:

“Então, quão preciosos são os pés!”, como diz Arquíloco e também, por Zeus!, o sábio Aristóteles: “Espantoso, hein, Aristóteles?”. “Espantoso”, responde

ele, “não é o que me contas, é ter pés³ e ainda te suportar”. (PLUTARCO, 2008, p. 13).

b) *Naturalidade para tratar temas socialmente delicados* (PLUTARCO, 2010, p.11): os tratados de Plutarco escolhidos para objeto deste estudo tratam de temas que até hoje nos soam embaraçosos. O filósofo inicia suas obras abordando seus objetos sem rodeios, como os temas que nos foram recomendados com igual franqueza por nosso orientador-educador, isto é, a *tagarelice* e a *bajulação*: inteirar-nos de ambas as proposições foi motivo de surpresa para nós, ao mesmo tempo que o assunto de nossa monografia provocou riso em nossos colegas de classe.

c) *Emprego da casuística e citações da tradição literária e história de sua época para fundamentar seus pontos de vista*, como resume a Prof^a. Paula Barata Dias:

É feito, por isso mesmo, um extenso uso de *exempla* comuns aos que encontramos nas suas Biografias - episódios, anedotas, ditos famosos (...). A tradição literária ficcional da Antiguidade está também presente, através da colação de excertos dos poetas, épicos, trágicos e cômicos, que compuseram nas suas obras retratos modelares de heróis e de mitos nos quais o enleio da amizade e a armadilha da sua aparência condicionaram a existência de personalidades como Hércules, Aquiles e Pátroclo, Agamémnon, Heitor, Menelau, Príamo, Ulisses. Dos Historiadores, filósofos, oradores, e de toda a tradição literária anterior a si, retirou não só exemplos de caracteres, mas também um manancial considerável de ditos sentenciosos, máximas, provérbios, ou simples expressões que não poucas vezes se encadeiam no discurso, completando-o ou precisando-o, acto que se aplica ao estilo plutarqueano em geral. (PLUTARCO, 2010, p. 11).

A tradutora descreve, ainda, como Plutarco é discreto e evita menções a situações diretas de seu tempo, deixando esse tipo de associação por conta do leitor. (PLUTARCO, 2010, p. 42).

Buscamos exemplos dessa característica estilística nos textos do filósofo que estamos estudando, nos quais Plutarco demonstra uma ideia sua por meio de uma anedota cujo sujeito é um personagem famoso da filosofia helênica. Extraímos do início do tratado de *Sobre a Tagarelice* (2008) uma referência, bem humorada, ao silêncio prudente do filósofo Zenão entre o tumulto dos embriagados:

Em Atenas, um homem que estava recebendo os enviados de um rei gabava-se, como solicitavam eles, de fazê-los conhecer os filósofos. Estes entraram na conversa como para dar sua parte, mas Zenão permanecia quieto. Os

³ É nosso entendimento que, neste contexto, Aristóteles se refere a *pés* ironicamente como instrumento de fuga, sugerindo ao ouvinte que poderia se livrar, correndo, do aborrecimento causado pela enxurrada de palavras que verte do tagarela.

estrangeiros, bebendo amavelmente à sua saúde, perguntaram-lhe: “Que é preciso dizer ao rei a respeito de ti, Zenão?”. E este respondeu: “Nada além disto: há um velho homem em Atenas que é capaz de se calar durante uma bebedeira”. (PLUTARCO, 2008, p. 15).

Em *Como Distinguir o Bajulador do Amigo* (2015), escolhemos um exemplo que bem ilustra o estilo plutarquiano⁴ de fundamentar uma afirmação evocando figuras históricas e filosóficas tradicionais da Grécia: ao criticar o comportamento imitador do bajulador de se assemelhar à imagem do bajulado sem quaisquer críticas, Plutarco escreve utilizando exemplos do passado, sem comprometimento próprio:

Diz-se que, de algum modo, aqueles que conviviam com Platão imitavam seus ombros curvados; e os de Aristóteles, a sua fala gaguejada; os do rei Alexandre, a sua inclinação da parte de trás da cabeça e sua aspereza na voz em uma conversação; pois a maior parte dos assuntos passam despercebidos para alguns que assumem deles seus hábitos e modos de vida. Mas o bajulador simplesmente vive de certo modo como um camaleão. Pois ele se torna inteiramente semelhante a qualquer cor de pele, exceto a branca; também o bajulador, porque é incapaz de se tornar semelhante nas coisas dignas de zelo, não abandona a imitação das vergonhosas, mas, tal como os pintores sem talento, que não são capazes de alcançar as belas pinceladas, por causa da sua debilidade, transmitem as semelhanças nas rugas, nas sardas e nas cicatrizes; assim, ele se torna um imitador do excesso, da superstição, da irritação, da cólera para com os servos, desconfiança para com os familiares e parentes.” (PLUTARCO, 2015, p. 45-46).

d) *Negação do tema abordado*: em ambos os tratados que estamos estudando, Plutarco aborda as virtudes que deseja enaltecer por sua *negação*, isto é, a amizade pela bajulação e o silêncio pela tagarelice. A Prof^a. Paula Barata Dias chamou-nos a atenção para o uso da antítese por Plutarco na *Introdução Geral* de sua tradução da trilogia sobre a amizade:

Não deixa, contudo, de ser um pouco desconcertante que a focalização a que Plutarco sujeita a amizade seja precisamente a da sua negação: os casos em que esta se apresenta deformada por realidades que com ela se confundem, que é o da adulação (*he kolakeia*) e o do excesso de amigos (*he polyphilia*). (PLUTARCO, 2010, p.12).

e) *Conhecimento*: não obstante sua filiação filosófica a Sócrates e seus seguidores, como sacerdote de Apolo que foi Plutarco, o epíteto da deidade se faz presente em seus dois tratados que estudamos. A máxima “Conhece-te a ti mesmo” surge como a solução

⁴ O *Dicionário Caldas Aulete Digital* traz o adjetivo *plutarquiano* grafado com *i* (disponível em <https://www.aulete.com.br/plutarquiano>, acesso em 27-dez-2021 às 23h48). Essa é a grafia utilizada por Maria Aparecida de Oliveira Silva na tradução da Edipro que estamos utilizando de *Como Distinguir o Bajulador do Amigo* (PLUTARCO, 2015). O adjetivo vem grafado com *e* na tradução lusitana das *Obras Morais* aqui citada (PLUTARCO, 2010) e será reproduzido dessa forma nas respectivas citações extraídas dessa edição.

apresentada pelo filósofo para o estadista que precisa fortalecer-se espiritualmente para se proteger do ataque dos bajuladores:

Mas se formos obedientes a Deus e ao Seu dito “Conhece-te a ti mesmo”, para cada um de nós, de tudo, isso é o mais digno de que aprendamos, e se, ao mesmo tempo, refletirmos em nós mesmos sobre a nossa natureza, nossa criação e nossa educação, que estão deficientes do que é belo e que muito do que é vil e em vão está misturado com o que têm nas nossas ações, nas nossas palavras e nos nossos sentimentos não muito facilmente permitiremos que nós mesmos caiamos nas mãos dos bajuladores. (PLUTARCO, 2015, p. 89-90).

Da mesma forma, no tratado *Sobre a Tagarelice* (2008), o autoconhecimento vem proposto por Plutarco como cura para a tagarelice por meio de atos de *juízo*, *razão* e *reflexão*, capazes de conduzir o tagarela a uma autoanálise que lhe mostre os benefícios pessoais colhidos pela superação da logorreia que afaga sua vaidade, em benefício da nobreza e superioridade do silêncio que agrega e eleva o espírito:

Isto não deve ser considerado uma acusação, mas uma cura da tagarelice: nós superamos as paixões pelo juízo e pelo treino, mas o juízo vem em primeiro lugar. Ninguém, de fato, habitua-se a fugir nem a tirar de sua alma o que não lhe é desagradável; ora, as paixões nos são desagradáveis quando compreendemos pela razão o que elas têm de nocivo e vergonhoso. É precisamente o que compreendemos neste momento a respeito dos tagarelas, que, querendo ser amados, são detestados, desejando agradar, são molestos, acreditando ser admirados, são a risota de todos, gastam sem nada ganhar, causam prejuízo aos seus amigos, trazem proveito aos seus inimigos, perdem a si mesmos. É por isso que o primeiro remédio e medicamento para essa paixão é a reflexão sobre o que ela produz de vergonhoso e doloroso.

A segunda reflexão a que é preciso aplicar-se é a que te por objeto o contrário: ouvir sempre, recordar e ter à disposição os elogios da discrição, o que há de venerável, sagrado e religioso no silêncio, e em que admiramos mais, apreciamos mais e julgamos mais sábios que aqueles que não têm freio e se deixam levar aqueles que concentram e limitam seus discursos, e assim reúnem muito espírito em poucas palavras. (PLUTARCO, 2015, p. 33-34, grifo nosso).

A seguir, discorreremos sobre os dois tratados em si e como todas essas características se desenvolvem em meio à narrativa de Plutarco sobre os temas da garrulice e da adulação.

2 SOBRE A TAGARELICE

Tagarelice, garrulice, verborreia, verborragia, logorreia, falatório. Seja qual for o vocábulo utilizado para expressar o excesso de palavras proferidas por alguém, todos têm conotação pejorativa. Incontinência verbal é o jargão utilizado em geral por profissionais da área de comportamento, psiquiatras e psicólogos, para denominar o sintoma da loquacidade fora de controle associada a algum transtorno mental. A incontinência verbal na contemporaneidade pode caracterizar não somente um comportamento inconveniente, mas um sintoma de ansiedade, solidão e outros transtornos psiquiátricos típicos de nossos dias.

Bechara define o tagarela de duas formas: o que fala muito e o que faz fofocas (BECHARA, 2009, p. 844). Mas, o comportamento inadequado do tagarela enfada e afasta seus ouvintes. O tagarela não tem paz e não deixa os outros em paz. O estereótipo do sábio, do filósofo, do monge, de alguém que busque um modelo de vida associado à perfeição, está sempre associado ao silêncio, à discrição, ao exercício de poucas e precisas palavras.

O tagarela não contempla, não ouve os sons da natureza nem a voz dos que o rodeiam. É cansativo e carece de sensibilidade para observar o que é belo, centrado que está em si mesmo. Quem fala demais produz ruído, incomoda. Pela tagarelice se manifestam também a gabolice, a imprudência, a imaturidade, a descortesia. Não há como associar a figura do tagarela à paz e ao repouso, porque ele não tem sossego.

Tudo isso foi observado e analisado por Plutarco há quase dois mil anos. Suas observações seguem atuais e precisas e causou-nos espanto que esse filósofo e seus tratados sejam tão pouco conhecidos na contemporaneidade. No atual cenário político brasileiro, manter silêncio ou pronunciar-se prudentemente vem se mostrando um grande desafio. Em algumas culturas latinas, tal comportamento pode assumir a conotação de isolamento, enfermidade ou tristeza.

Como vimos anteriormente, Plutarco se valia das antíteses para enaltecer virtudes que considerava nobres. Assim, foi por meio da negação do silêncio, enfatizando o que a tagarelice tem de pior e os males que pode causar à sociedade e aos próprios falantes desenfreados, que Plutarco enalteceu essa virtude e chamou a atenção de seus leitores para sua grandiosidade.

Plutarco afirma ser difícil curar a tagarelice, porque a cura se daria pela palavra e quem fala demais não ouve ninguém. Suas palavras são vazias de conteúdo e cheias de ruído (PLUTARCO, 2008, p. 11).

Segundo o filósofo, o comportamento inoportuno do tagarela afasta as pessoas e o desacredita, pois acaba por produzir muitas mentiras. Como a embriaguez, a tagarelice é enfadonha e denota falta de limites, características que não fazem parte do comportamento de indivíduos sensatos, que prezam a prudência (PLUTARCO, 2008, p. 12-17).

O tagarela aborrece seus ouvintes por repetir as mesmas histórias e leva a consequências drásticas por sua incapacidade de guardar segredos (PLUTARCO, 2008, p. 18). Plutarco lembra, dentro do contexto político, quantas vidas esse ato imprudente custou quando estratégias de guerra ou pontos fracos militares foram indiscriminadamente revelados e acabaram nos ouvidos do inimigo. Da mesma forma que no tratado *Como Distinguir o Bajulador do Amigo* (2015) o filósofo critica o dano causado pelo bajulador a reinos e principados numa situação de guerra, em *Sobre a Tagarelice* (2008) Plutarco relata a devastação que um tagarela igualmente é capaz de causar em tempos assim:

Mas os velhos que tagarelavam diante de uma barbearia disseram que Heptacalco não era vigiada e que a cidade corria o risco de ser tomada por aquele lado; espiões ouviram isso e relataram a Sila. Este, fazendo imediatamente suas tropas avançar, mandou que o exército penetrasse a cidade por volta da meia-noite e por pouco não a arrasou: encheu o local de carnagem e de cadáveres, a ponto de escorrer sangue do Cerâmica⁵ (PLUTARCO, 2008, p. 18-19).

Segundo Plutarco, a palavra pertence aos homens e o silêncio aos deuses (PLUTARCO, 2008, p. 20), dada a sua superioridade. Quem renuncia à confiança que lhe foi depositada para revelar a terceiros um segredo é, segundo o filósofo, alguém que se refugia na confiança alheia e trai a daquele que lhe confiou o segredo. A palavra secreta passada a outro transforma-se em fofoca, rumor, como diz o filósofo (PLUTARCO, 2008, p. 23-24).

Plutarco não se mantém imparcial em alguns exemplos de garrulice. Num deles, cita um caso sexista em que um segredo é espalhado pela mulher de um senador romano:

⁵ Bairro dos ceramistas, subúrbio de Atenas onde eram enterrados os soldados inimigos, conforme nota da tradutora (PLUTARCO, 2008, p. 19).

O senado romano deliberava em assembleia secreta havia vários dias; como existiam muitas incertezas e conjeturas em torno dessa questão, uma mulher, de resto experiente, porém mulher, perseguia o marido, pedindo-lhe insistentemente que a informasse do segredo. (PLUTARCO, 2008, p. 24, grifo nosso).

Igualmente parcial é a crítica de Plutarco à classe dos barbeiros, que são homens, por sua tagarelice:

É natural que a raça dos barbeiros seja faladeira: são os mais tagarelas que afluem para suas barbearias e ali se instalam, de sorte que eles se impregnam desse hábito. E foi antes com fineza que o rei Arquelau respondeu a um barbeiro tagarela que lhe perguntou, ao colocar-lhe a toalha: “Como devo pentear-te, meu rei?”. “Em silêncio!” (PLUTARCO, 2008, p. 29).

Tantos são os exemplos citados pelo filósofo nesse tratado que, entendemos, a necessidade de revelar um segredo seja humana, apesar do destaque que o filósofo dá, nestes dois exemplos, a uma mulher e aos barbeiros. Não obstante as consequências desastrosas que a garrulice possa causar, o tagarela também é portador de más notícias e quando provoca dor em seus ouvintes pode tornar-se odiado por eles (PLUTARCO, 2008, p. 30).

Citando Sócrates, que recomendava cuidado com alimentos que se comem quando não se tem fome e bebidas que se bebem quando não se tem sede, Plutarco adverte o tagarela para que receie as palavras que lhe dão mais prazer (PLUTARCO, 2008, p. 41). Aqui surgirá a ameaça da *filáucia*, o amor-próprio, o qual discutiremos com mais detalhes no tratado *Como Distinguir o Bajulador do Amigo* (2015), porém igualmente assustador quando o tema é a garrulice, e a vaidade se sobrepõe à razão e à prudência. Destacamos esta interessante passagem, na qual o filósofo sugere o amor-próprio como propulsor da tagarelice: consideramos este excerto uma excelente proposta de reflexão para os dias atuais, principalmente se considerarmos o perigo que o desejo de glória, instrumentalizado pela garrulice, pode significar numa relação de amizade, ofuscando a superioridade da empatia e desequilibrando a igualdade entre amigos:

Então, cheios de amor-próprio e desejo de glória, “consagramos a maior parte de nossas horas àquilo em que nos mostramos os melhores”: as narrativas no caso do grande leitor, as discussões técnicas no caso do gramático, os relatos de viagem no caso daquele que atravessou tantas regiões em suas andanças. Portanto, é preciso igualmente estar precavido: assim atraída, a tagarelice, como um animal rumo ao seu pasto habitual, não pode se deter. (PLUTARCO, 2008, p. 42-43, grifo nosso).

Uma das raras vezes em que Plutarco explicitamente exalta a superioridade do silêncio em oposição à garrulice surge em uma passagem na qual reconhece a nobreza da

cortesã Leiana, que se manteve calada mesmo após interrogatório, depois do fracasso da conspiração de Harmódio e Aristogíton contra os tiranos, da qual Leiana tomou parte:

Os atenienses fabricaram uma leoa de bronze, sem língua, e a colocaram às portas da Acrópole: eles representaram assim, pela intrepidez desse animal, a firmeza dessa mulher e, pela ausência da língua, seu senso do silêncio e do mistério.” (PLUTARCO, 2008, p.20).

Para o mal da tagarelice, Plutarco apresenta duas saídas: o *juízo* e o *treino*, como citado no capítulo 1.3 acima. Para o filósofo, o juízo vem em primeiro lugar, isto é, “a reflexão sobre o que ela produz de vergonhoso e doloroso” (PLUTARCO, 2008, p. 33). Está relacionado a reflexão e conhecimento.

A segunda saída, o treino, se dá justamente pela antítese à tagarelice, pela prática do silêncio, destarte exaltado pelo filósofo:

A segunda reflexão a que é preciso aplicar-se é a que tem por objeto o contrário: ouvir sempre, recordar e ter à disposição os elogios da discrição, o que há de venerável, sagrado e religioso no silêncio, e em que admiramos mais, apreciamos mais e julgamos mais sábios que aqueles que não têm freio e se deixam levar aqueles que concentram e limitam seus discursos, e assim reúnem muito espírito em poucas palavras.” (PLUTARCO, 2008, p. 33, grifo nosso).

Como parte do treino, Plutarco lembra sobre a importância de prestar atenção às respostas pessoais. Por exemplo, o tagarela não deve responder com gravidade a quem questiona por provocação, tampouco deve encontrar numa pergunta uma oportunidade para sua incontinência verbal. Antes de responder, deve certificar-se de que seu interlocutor nada tem a acrescentar. A resposta a uma pergunta deve ser necessária, amável ou supérflua. O tagarela deve ainda limitar sua resposta ao interesse de quem pergunta. (PLUTARCO, 2008, p. 38-41).

Plutarco ainda sugere ao tagarela que prefira a linguagem escrita à verbal, como forma de não cansar tanto os seus interlocutores, bem como que se relacione com homens veneráveis, pois o respeito a estes lhes trará o hábito do silêncio (PLUTARCO, 2008, p. 43-44).

Finalizando seu tratado, Plutarco aconselha o tagarela a refletir sobre a necessidade ou não de falar, numa interrogativa que bem sintetiza a relevância dessa ideia: “Mas se o que se diz não é proveitoso para aquele que o diz, nem necessário àquele que o ouve, e é desprovido de sabor e de charme, por que dizê-lo?” (PLUTARCO, 2008, p. 44). O filósofo conclui citando Simônides, por meio de quem evoca a necessidade do autocontrole para manter o silêncio, para não falar na *ascese* citada pelo poeta, virtude

que Plutarco admira nos lacedemônios e que surge em seus tratados por influência dos cínicos, como vimos no capítulo 1.2. Na sequência, a tagarelice será novamente comparada a uma doença (Plutarco iniciou seu tratado falando em cura), quando Plutarco citar as precauções humanas para reprimir soluço e tosse, bem como no esforço e na dor empregados para livrar-se deles; e também quando o filósofo citar Hipócrates, o médico, para exaltar o silêncio que, em sua sublimidade e, diferentemente da tagarelice, não dá sede, desgosto ou sofrimento:

Em toda parte e em toda circunstância, é preciso ter na mão e na memória esta frase de Simônides: lamentamos frequentemente ter falado, mas jamais de nos termos calado, e a ascese vence todas as coisas e é mais forte que tudo. Enquanto os homens, tomando suas precauções, reprimem o soluço e a tosse, mas só se livram deles com esforço e com dor, o silêncio, ele, não só não dá sede, como diz Hipócrates, como ainda não dá nem desgosto nem sofrimento. (PLUTARCO, 2008, p. 44, grifo nosso).

Ao reler a conclusão de Plutarco ao tratado *Sobre a Tagarelice* (2008), podemos compreender a garrulice como uma enfermidade como o soluço e a tosse, que precisam ser reprimidos e causam dor. Sua presença causa arrependimento. Já sua ausência não provoca arrependimento, não dá sede, nem desgosto, nem arrependimento. O silêncio é virtude e remédio para curar a doença da tagarelice. Plutarco nos mostra que por meio da ascese e do esforço se vence a doença e se alcança a virtude.

3 COMO DISTINGUIR O BAJULADOR DO AMIGO

Como dito no capítulo 1 acima, neste tratado o filósofo aborda o tema da amizade (philia) por sua antítese, a bajulação (kolakeia). Além disso, Plutarco faz observar o quão importantes são as questões do amor-próprio (filúcia) e da franqueza (parresia) numa relação de amizade verdadeira, concluindo que o conhecimento (gnose) é a saída para se desviar dos ataques de um bajulador mimetizado de amigo.

Plutarco dedicou este tratado ao estadista Júlio Antíoco Filopapo, assim descrito pela Prof^a. Paula Barata Dias:

[...] descendente dos reis de Comagena, que se estabelecera em Atenas depois que Vespasiano destituiu a sua família do poder, em 72 d. C. Tal como Plutarco o apresenta em *Quaestiones Conuiuales* I, 10 (*Obras Morais, No Banquete*, I, 10, 628 A), ele era rico, popular (tinha desempenhado nesse ano o cargo de corego de todas as tribos), e fazia parte da elite cultivada que privava socialmente com Plutarco. (PLUTARCO, 2010, p. 65).

Plutarco dirige-se a Filopapo diretamente pelo nome, sem empregar formas de tratamento pois, como vimos, fazia parte do círculo social do estadista. Plutarco era mais velho que Filopapo⁶ e faz uso de uma narrativa paternal, em forma de aconselhamento. O estadista, por sua vez, devia depositar muita confiança no filósofo para permitir-lhe o uso de tanta franqueza (=parrésia), não obstante sua nobreza. Além de escrever-lhe de forma direta, a franqueza é objeto de seu discurso quando Plutarco descreve a verdadeira amizade e a estratégia dos falsos amigos. É por meio dela que o filósofo também demonstra sua verdadeira amizade por Filopapo. Associando este tratado ao que estudamos no capítulo anterior, *Sobre a Tagarelice* (2008), entendemos que Filopapo seria alguém dotado da virtude de ouvir, a quem Plutarco poderia confiar seu aprendizado e sua experiência de vida.

Plutarco inicia este tratado denunciando os ardis dos que se utilizam da adulação para se aproximar de alguém de prestígio, com objetivo de tirar vantagem pessoal da influência dessa pessoa. A aproximação geralmente termina quando o interesse deixa de existir. Plutarco alerta para a ruína causada no governo dos estadistas que se deixaram influenciar pela ação dos bajuladores. O filósofo aconselha o homem influente que aprimore seu

⁶ Em nota de rodapé, a Profa. Maria Aparecida de Oliveira Silva aponta o ano de nascimento de Antíoco Filopapo como 65 D.C. (PLUTARCO, 2015, p. 23).

autoconhecimento para não se deixar levar pelo excesso de amor-próprio, do qual o bajulador costuma tirar vantagem para montar sua estratégia de ataque.

De carga semântica negativa para Plutarco, a expressão *amor-próprio* neste tratado denota vaidade e presunção. Segundo o filósofo, essa característica se transforma em trampolim para o ataque dos bajuladores quando presente na personalidade dos homens políticos e influentes na sociedade. Ao buscar os próprios interesses, o bajulador, dissimulado, diz inverdades agradáveis aos ouvidos do homem vaidoso, induzindo-o ao erro em suas tomadas de decisão. As consequências de seus atos para a sociedade podem ser drásticas. Plutarco afirma que o autoconhecimento é necessário para que o homem político não se deixe influenciar pelos gestos e palavras do bajulador. Sintetizando a mensagem de defesa de Plutarco sobre a importância de se atentar à própria vaidade, diz a Prof^ª. Paula Barata Dias: “Abdicar do amor-próprio e do orgulho proporciona, entre outros benefícios, a lucidez que permite reconhecer os adutores quando estes se disfarçam de fervorosos amigos.” (PLUTARCO, 2010, p. 64).

Plutarco cita Platão logo no início de seu tratado para fundamentar sua afirmação sobre o excesso de amor-próprio dos que permitem os ataques do bajulador, bem como da necessidade do autoconhecimento:

Para o homem que declara amar muito a si mesmo, Antíoco Filopapo, Platão afirma que todos lhe concedem o seu perdão, mas, junto com muitos outros vícios, introduz-se um grandioso mal, pelo qual não lhe é possível ter um julgamento justo nem imparcial sobre si mesmo; ‘pois o amor é cego a respeito do objeto amado’, a não ser que, pelo aprendizado, tenha se habituado a honrar e a procurar as coisas belas mais que as naturais e as familiares. Isso oferece ao bajulador um espaço muito amplo no decorrer de uma amizade, ele tem o nosso amor-próprio como uma base de operação vigorosa contra nós. Por causa desse sentimento, cada um de nós é o primeiro e maior bajulador de si próprio; não é difícil que permita a aproximação de alguém de fora, uma testemunha das coisas que pensa e deseja, alguém que também as reforça, aliando-se com ele próprio. Pois aquele que é censurado por ser afeito a um bajulador é um profundo amante de si próprio, por causa dessa concepção de si mesmo, ele deseja ter todas as coisas belas e pensa que as tem; e o desejo delas não é estranho, mas esse pensamento é instável e necessita de muita precaução. E se, de fato, a verdade é divina e o princípio ‘de todas as coisas boas para os deuses e de todas as coisas boas para os homens’, conforme Platão, corre o risco de o bajulador ser um inimigo para os deuses, especialmente para Pítio. Pois está sempre em oposição ao dito: ‘Conhece-te a ti mesmo’, introduzindo o engano em cada um com relação a si próprio, e a ignorância de si mesmo, também a respeito das coisas boas e das coisas más quanto a si mesmo, porque torna aquelas imperfeitas e incompletas e estas completamente incorrigíveis. (PLUTARCO, 2015, p. 23-25).

Para referir-se ao caráter parasitário dos bajuladores, demonstrando o quão desprezíveis lhes parecem os que se utilizam da lisonja para se aproximar das elites, Plutarco emprega comparativos como *carunchos* (PLUTARCO, 2015, p. 25) e *pioelhos* (PLUTARCO, 2015, p.26). O bajulador seduz pelos prazeres (PLUTARCO, 2015, p. 35), além de ser um imitador: fazendo-se passar por amigo, finge afinidade ao bajulado e se compraz das mesmas coisas que o agradam, evitando as mesmas coisas que o repelem (PLUTARCO, 2015, p. 36).

Plutarco alerta Filopapo sobre a necessidade de manter-se atento à influência maléfica dos que se fingem amigos, visto que a história deixou rastros das vezes em que esta levou reinos à ruína. Citando Tucídides, o filósofo denuncia como os bajuladores utilizam-se de eufemismos para distorcer a realidade, “atribuindo nomes de virtudes para a maldade” (PLUTARCO, 2015, p. 56):

Mudam o significado habitual dos nomes para as ações por julgarem isso justo. Pois a audácia irracional é nomeada de coragem aos amigos, e a contemporização previdente é nomeada de covardia de bela aparência, e a moderação é nomeada de pretexto do fraco, também a inteligência em relação a tudo é nomeada de total ociosidade”. (TUCÍDIDES apud PLUTARCO, 2015, p. 56-57).

Na sequência, como é próprio de seu estilo, Plutarco fundamenta suas afirmações com uma série de exemplos do passado nos quais os erros dos dirigentes foram abrandados por elogios, o que afetou o exercício político e o discernimento de líderes políticos de renome. Cita a crueldade dos tiranos Dionísio e Fálaris transformada em ódio à maldade pelos sicilianos; a efeminação de Ptolomeu, que arruinou o Egito, chamada de “piedade e adoração aos deuses”; a ruína do caráter dos romanos quando, por eufemismo, designaram a luxúria, o desgoverno e as celebrações públicas de Marco Antônio como ações festivas e filantrópicas (PLUTARCO, 2015, p. 57-58).

Sobre o uso da franqueza entre amigos verdadeiros, Plutarco recomenda a Filopapo a observância do momento adequado. Citando Platão, dá como exemplo o ocorrido entre aquele filósofo e Sócrates durante um banquete:

Porque, depois de Sócrates ter criticado duramente um dos seus amigos íntimos enquanto conversava à mesa, Platão disse: “Não teria sido melhor se tivesses dito essas palavras em particular?” E Sócrates respondeu-lhe: “Não terias feito melhor, se tu tivesses dito essas palavras em particular?”. (PLUTARCO, 2015, p. 107).

Da mesma forma, o filósofo adverte o destinatário quanto ao perigo da franqueza quando utilizada por bajuladores mimetizados de amigos:

Mas o que é dentre tudo o mais ardiloso em si, porque percebe que tanto a chamada quanto a pensada franqueza é uma fala peculiar da amizade, tal como algo próprio de um ser vivo, enquanto a falta de franqueza é algo peculiar à falta de amizade e de nobreza, não deixa esta sem imitar para trás, mas, tal como os hábeis cozinheiros utilizam os sucos amargos e ácidos com temperos, para retirar a náusea dos sabores adocicados, assim os bajuladores não trazem a sinceridade nem o proveito, mas como que olham de soslaio pelas sobranceiras e provocam risos, porque simplesmente mostram seu atrevimento. (PLUTARCO, 2015, p. 36-37, grifo nosso).

O filósofo segue recomendando a seu destinatário a obediência a Apolo e a seu dito “Conhece-te a ti mesmo”, bem como a reflexão sobre si mesmo e as falhas da própria natureza humana para dificultar o acesso dos bajuladores (PLUTARCO, 2015, p. 89-90). Os mais prósperos são os que mais necessitam da franqueza dos amigos para manter o amor-próprio equilibrado (PLUTARCO, 2015, p. 100).

Como disse o Prof. Márcio em sua videoaula citada no capítulo 1, Plutarco é um filósofo moralista. Como vimos neste tratado, especificamente, a preocupação que ele demonstra com a disciplina para alcançar a virtude, seu apreço pela amizade, pela franqueza e pelo silêncio, o cuidado com as consequências do amor-próprio, tudo reflete numa posição equilibrada do indivíduo enquanto parte de um grupo para o bem da felicidade coletiva. O perfil do bajulador por ele apresentado neste opúsculo, a quem retrata como parasita e egoísta, voltado para os próprios interesses, não se encaixa nesse universo do *summum bonum*⁷ herdado por Plutarco de Aristóteles, nem pelos filósofos que o sucederam, como os que foram citados por nosso orientador e pelo Prof. Márcio em suas aulas e, depois deles, também por nós, na atualidade.

⁷ Discutiremos o conceito de *summum bonum* no capítulo 4.

4 PLATÃO, ARISTÓTELES E A AMIZADE

O estudo do diálogo *Alcibíades Primeiro* de Platão e da obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles foi um meio de melhor conhecermos Plutarco e os filósofos da antiguidade que o influenciaram.

A versão do diálogo platônico utilizada para este estudo foi a da tradução elaborada pela mestrandia Ana Cristina de Souza Pires Dias, cuja dissertação pode ser acessada em https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-09102015-140733/publico/2015_AnaCristinaDeSouzaPiresDias_VCorr.pdf.

A personagem Alcibíades apresentada por Platão neste diálogo padece da doença da tagarelice analisada por Plutarco no tratado que aqui estudamos: de filúcia aguçada e imprudente, essa personagem fala mais do que aprende. Inexperiente e recém-saído da adolescência, Alcibíades acredita que tem origem divina e natureza superior e, portanto, está naturalmente dotado de qualidades que lhe permitem governar Atenas (DIAS, 2015, p. 67). Como Plutarco nos mostra em seu tratado sobre a tagarelice, Alcibíades parece falar mais que ouvir. Sócrates, tendo sido seu primeiro amante, com muita paciência e parresia, dedica-se a convencê-lo de que muito há a aprender antes de se expor publicamente (DIAS, 2015, p. 62). Suas palavras são diretas e o filósofo não renuncia à descrição do comportamento do rapaz com total franqueza, o que lhe é permitido por seu interlocutor considerando a expectativa de Alcibíades em saber o que Sócrates tem para lhe dizer e, segundo o filósofo, no momento certo para que isso aconteça e dada a sua demonstrada competência e influência sobre o rapaz (DIAS, 2015, p. 65, 67 e 69). Prudente e experiente, Sócrates inicia com Alcibíades uma dialética demonstrativa de como o autoconhecimento será o melhor processo preparatório para que ele possa enfrentar seus inimigos, antes de se expor ao escárnio do povo ateniense ou de seus inimigos.

No início do diálogo, Sócrates interpela Alcibíades dizendo imaginar que o rapaz se questiona por que o filósofo não se afastou dele nem falou com ele como seus outros amantes. Mas, acreditando ser o momento oportuno, Sócrates explica ao rapaz a causa de sua altivez:

Você diz não necessitar de ninguém para nada, pois é tão elevada a sua condição que não necessita de nada, a começar pelo corpo e a terminar na alma. Pois considera, em primeiro lugar, ser o maior e o mais belo – é evidente para todos que o vêem que você não está mentindo – e, em segundo lugar, ser da

família mais proeminente de sua cidade, que é a maior dentre as cidades helênicas; e, da parte de seu pai, você julga ter inúmeros amigos e parentes excelentes, os quais se colocariam à sua disposição caso necessitasse de algo, e, da parte de sua mãe, inúmeros outros em nada inferiores. Mas, dentre tudo aquilo que citei, você considera que o seu maior poderio provém de Péricles, filho de Xantipo, seu tutor e de seu irmão por força de seu pai; ele que não apenas nesta cidade é capaz de fazer o que desejar, mas também em toda a Hélade e, entre os bárbaros, em muitas povoações grandiosas. Acrescentarei também que você está entre os abastados; mas, quanto a isso, você me parece ser menos arrogante. Em vista de tudo isso, vangloriando-se, você prevaleceu sobre os seus amantes, e aqueles, por serem inferiores, foram então superados, fato que você não ignora. É por essa razão que eu bem sei que você se pergunta espantado por qual motivo eu não me livro deste amor, e com qual esperança eu resisto, ao passo que os demais se retiraram. (DIAS, 2015, p. 63 e 65).

Não são poucas as demonstrações de arrogância por parte de Alcibíades, como quando ele diz não precisar passar pelo aborrecimento de aprender:

Tomemos uma decisão em comum, Sócrates. De fato, reconheço as suas palavras e concordo com elas. Pois os homens que praticam a política na cidade me parecem não ter instrução, com exceção de poucos. (...) Se, suponho eu, fossem instruídos, seria preciso a quem tentasse contestar-lhes investir contra eles depois de ter aprendido e se exercitado, como se fosse investir contra atletas. Todavia, uma vez que também eles se engajaram na política da cidade como leigos, por que é preciso exercitar-me e ter o aborrecimento de aprender? Pois eu bem sei que serei muitíssimo superior a eles devido à minha natureza. (DIAS, 2015, p. 119).

Tentando sensibilizar Alcibíades para a necessidade de se conhecer e de aprender sobre aqueles contra quem precisaria lutar caso viesse a governar Atenas, Sócrates tenta mostrar-lhe que os inimigos dos atenienses, lacedemônios e persas, não seriam um páreo fácil a enfrentar, iniciando por dizer-lhe que viriam de linhagem divina, ao que o rapaz responde: “Também a minha linhagem, Sócrates, remonta a Eurísques, e a de Eurísques, a Zeus.” (DIAS, 2015, p. 127).

Sócrates aprofunda-se, então, corajosamente na franqueza, narrando a Alcibíades que ele não se encontra no mesmo páreo que os líderes dos povos inimigos aos atenienses que deseja enfrentar. Sua narrativa é cruel e, tão corajosa quanto sua franqueza, é a disponibilidade do rapaz para ouvi-lo. Sócrates mostra a Alcibíades que, diferentemente dos reis de Argos, da Lacedemônia, da Pérsia e da Ásia, a linhagem de ambos vinha de pessoas comuns. Segundo Sócrates, os reis dos persas são criados e educados com distinção desde a concepção, haja vista o zelo com o qual suas mães são tratadas durante a gestação, a criação que recebem dos eunucos de boa reputação que modelam seus

membros, as aulas de equitação e o início na caça, as lições com os preceptores reais, até que quatro melhores sejam escolhidos: o mais sábio, o mais justo, o mais temperante e o mais corajoso. Enquanto isso, Sócrates lembra a Alcibíades que, exceto por seus amantes, ninguém entre os atenienses se importa como nem quando ele nasceu e que Péricles, seu pai adotivo, deixou sua criação por conta de Zópio, o escravo mais velho e inútil do qual dispunha. Não satisfeito, Sócrates ainda aponta a riqueza e o luxo que caracterizam os persas, com os quais Alcibíades não poderia se igualar (DIAS, 2015, p. 127). Enumera “a temperança, o comedimento, a fortaleza, o bom humor, a magnificência, a disciplina, a coragem, a perseverança, o gosto pelo trabalho, pela vitória e pelas honrarias dos lacedemônios”, que fariam Alcibíades considerar-se uma criança diante deles. Informa o rapaz que também as riquezas dos lacedemônios são maiores que as dos atenienses, e que as dos persas são ainda maiores que as deles (DIAS, 2015, p. 129). Por fim, Sócrates lhe mostra que até as “mulheres” (sic) dos líderes dos povos inimigos seriam capazes de refletir melhor que eles sobre as qualidades que lhes seriam necessárias para enfrentá-los, o que seria ainda mais vergonhoso (DIAS, 2015, p. 131 e 133).

A partir da leitura de *Alcibíades Primeiro*, entendemos que os laços de amizade que permitiram a Alcibíades ouvir os conselhos de Sócrates, que permitiram a Filopapo ler as recomendações de Plutarco, bem como o respeito pela sabedoria de nossos mestres que nos permitem acatar seus ensinamentos e orientações, devem reinar na sala de aula para que nossos estudantes de Filosofia ouçam e aprendam de seus mestres as orientações que, muitas vezes, possam faltar em suas casas e em seu processo educativo.

Assim esperamos que o ensino da filosofia complete a obra de formação de cidadãos iniciada na infância pela escola e por seus familiares, bem como lhes abra caminhos para a sabedoria e a formação de cidades sólidas e felizes, como quiseram Sócrates e Aristóteles. Seguiremos agora com alguns ensinamentos de Aristóteles sobre a amizade.

A obra *Ética a Nicômaco*, escrita por Aristóteles em IV a.C., foi outra leitura importante para a composição desta pesquisa, pois Aristóteles foi discípulo de Platão, um dos filósofos que escreveu sobre a amizade e que também influenciou Plutarco. Suas ideias a respeito das relações humanas, políticas, familiares e sociais de quaisquer espécies entre indivíduos e sociedades continuam sendo uma referência para nós sobre como viver em comunidade.

No Livro I de sua obra, Aristóteles afirma que toda ação objetiva a um fim, e o objeto de todas as nossas ações é o bem supremo (ARISTÓTELES, 2016, p. 17). Da virtude e da boa qualidade das relações humanas resultará o *summum bonum* (LALANDE, 1996, p. 126), a felicidade, o objetivo de toda a atividade no mundo.

Aristóteles afirma que o bem coletivo é superior à felicidade individual:

De fato, ainda que o bem seja idêntico tanto para um indivíduo quanto para a cidade, revela-se melhor e mais perfeito compreender e preservar o da cidade; pois, se, por um lado, deve-se contentar um indivíduo apenas, por outro é mais belo e mais divino fazê-lo para uma nação e para as cidades. (ARISTÓTELES, 2016, p. 18)

Segundo a Prof^a. Rosely de Fátima Silva, autora do Prefácio da edição que estamos utilizando para elaboração deste estudo, esse bem supremo, capaz de ordenar a pólis para o bem individual de seus cidadãos, seria fruto das relações virtuosas entre eles. A virtude seria alcançada pelas relações de amizade, a *philia* que os une (ARISTÓTELES, 2016, p. 7-8).

Nos Livros VIII e IX de sua obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles assim descreve a amizade: “A amizade é, de fato, uma virtude, ou implica virtude e, além disso, ela é o que existe de mais necessário para a vida. Certamente, ninguém escolheria viver sem amigos, ainda que tivesse todos os outros bens.” (ARISTÓTELES, 2016, p. 189).

O *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, de André Lalande, define *amizade* como a inclinação eletiva recíproca entre duas pessoas morais, destacando a importância filosófica do termo advinda do papel que os filósofos gregos atribuíam à *philia*. (LALANDE, 1996, p. 52). Aristóteles reconhece três espécies de amizade: a que tem por objeto o prazer; a que tem por objeto o interesse; a que tem por objeto o bem moral, à qual ele se referiu como perfeita. (LALANDE, 1996, p. 52). Essa espécie de amizade ideal é descrita por Aristóteles da seguinte forma:

Mas a amizade perfeita é aquela dos homens bons e que são semelhantes em virtude, pois esses homens bons desejam igualmente coisas boas uns aos outros, e eles são bons por si mesmos. Assim, aqueles que desejam coisas boas aos amigos por eles mesmos são amigos por excelência, porque eles são assim por sua própria natureza, e não por acidente; assim, a amizade deles permanecerá enquanto eles forem bons, e a bondade é uma virtude duradoura. E cada um deles é bom em si mesmo e também para o seu amigo, pois os bons são simplesmente bons e mutuamente úteis. E do mesmo modo também eles são agradáveis, pois os homens bons são agradáveis em si mesmos e também uns aos outros, já que cada um faz residir seu prazer nas próprias ações, e as

ações dos homens bons são idênticas ou semelhantes. (ARISTÓTELES, 2016, p. 193).

Aristóteles afirma que a amizade perfeita é naturalmente estável, já que reúne todas as qualidades pertencentes aos amigos. Também é rara, pois requer afinidades entre as partes e que ambas se mostrem dignas de confiança. A relação é duradoura e há equilíbrio entre as partes, que dão e recebem na mesma proporção (ARISTÓTELES, 2016, p. 194).

Para o filósofo, nem ricos nem pobres conseguiriam viver sem amizade. Aos primeiros, essa lhes permite fazer o bem ao passo que os segundos vêm nos amigos seu único refúgio. Os amigos preservam os jovens do erro, levam-nos a agir com nobreza e garantem os cuidados aos mais velhos. O filósofo ainda cita a *philia* como um sentimento natural entre pais e filhos e animais da mesma espécie (ARISTÓTELES, 2016, p. 189).

Para Aristóteles, a amizade é similar à concórdia e preferida pelos legisladores à justiça, pois quando os homens são amigos não há necessidade de justiça. A amizade é algo nobre, a abundância de amigos é algo belo e um amigo é um homem bom (ARISTÓTELES, 2016, p. 189-190).

Diferentemente de Plutarco que, como vimos, em seu tratado aborda a amizade por sua antítese, a bajulação, Aristóteles é incisivo e se refere a ela como uma virtude (ARISTÓTELES, 2016, p. 189).

Sobre a bajulação, diz Aristóteles:

A maioria dos homens, levados pelo desejo da honra, parece desejar ser amada ao invés de amar (por isso geralmente os homens são bajuladores, pois o bajulador é um amigo em estado de inferioridade, ou que faz o menos possível para parecer ser tal, e simula amar mais do que ser amado); ora, ser amado e ser honrado são, parece, noções muito próximas, e ao que a maioria dos homens aspira é ser amado. (ARISTÓTELES, 2016, p. 200).

O pensamento racional de Aristóteles sobre a *philia*, vocábulo de significado bem mais amplo que seu equivalente *amizade* em português é capaz de nos transmitir, causou ainda mais espanto a esta estudante sobre a importância dessa virtude na vida de um indivíduo, seja na antiguidade ou na contemporaneidade. Muitas inquietações surgiram da leitura de sua obra, pois acreditamos que talvez menos psicoterapia seria necessária se *Ética a Nicômaco* fizesse parte do currículo escolar do Ensino Médio brasileiro.

Em comunicação pessoal com nosso colega Caio Gomes Macedo, mestrando da Universidade de Brasília (UnB) e professor de Filosofia da rede pública do Governo do

Distrito Federal (GDF), o ensino de Filosofia Antiga do ponto de vista curricular no novo ensino médio nas escolas públicas, atualmente, é discricionário. Acreditamos que, se *Ética a Nicômaco* surgisse, por exemplo, pelo menos como leitura complementar, nossos estudantes poderiam, a partir dos ensinamentos de Aristóteles, munir-se de subsídios para avaliar e escolher, por si mesmos, se é pelo bem ou por interesse que pessoas como o camarada “gente boa”, que vende drogas na vizinhança, oferece-lhes sua amizade em momentos difíceis.

É importante ainda ressaltar a relação de *igualdade* que Aristóteles confere entre duas pessoas unidas pela amizade, já que essa ideia foi incorporada por Plutarco em seus tratados sobre a amizade. Dessa forma, como diz Aristóteles no Livro VIII de sua obra aqui estudada, citando um verso da *Ilíada* de Homero: “*dois, quando vão juntos*”, são mais capazes de pensar e de agir.” (ARISTÓTELES, 2016, p. 189).

Chamou-nos a atenção, no terceiro parágrafo do Livro VIII da *Ética a Nicômaco*, a quantidade de nomes ou locuções nominais ligadas ao campo lexical da amizade e que remetem a proximidade humana, cumplicidade, virtudes e afeto, empregadas por Aristóteles para descrever a amizade, capaz de conduzir seu leitor a uma atmosfera de bem-estar e aconchego. *Bem-estar* foi a sensação que experimentamos ao ler e reler esse trecho que tanto nos impressionou, de forma que tentaremos repassar o mesmo sentimento que Aristóteles nos transmitiu a quem nos lê, reproduzindo esse parágrafo com destaque a essas expressões em caixa alta. Por outro lado, notamos e destacamos em negrito as antíteses a um ambiente amistoso, isto é, a *dissidência* e o *inimigo*, repentinamente introduzidas pelo filósofo para demonstrar a inquietação e o mal-estar que politicamente os legisladores precisam combater para que, rapidamente, o *summum-bonum* possa ser restituído à polis da mesma forma que o filósofo retoricamente o restituiu ao final deste mesmo parágrafo:

Além disso, ela parece ser um SENTIMENTO NATURAL do PAI por seu FILHO e do FILHO por seu PAI (...). Mesmo nas viagens, pode-se ver como cada HOMEM sente AFINIDADE e AMIZADE PELO HOMEM. A AMIZADE parece constituir também o LAÇO entre as cidades, e os legisladores parecem ter por ela maior APREÇO do que à JUSTIÇA, pois a CONCÓRDIA, que parece ser algo semelhante à AMIZADE, é o que os legisladores procuram antes de tudo, enquanto a **dissidência**, sendo um **inimigo**, é o que eles mais repugnam. E quando os HOMENS são AMIGOS não há NECESSIDADE DE JUSTIÇA, enquanto os JUSTOS têm NECESSIDADE DE AMIZADE, e a mais alta EXPRESSÃO DA JUSTIÇA parece ser uma MARCA DA AMIZADE. (ARISTÓTELES, 2016, p. 189-190, grifos nossos)

Aristóteles reconhece que há divergências sobre o que é a amizade, mas, citando Empédocles, mostra a amizade como resultado de afinidade, de igualdade, pois “o semelhante tende ao semelhante” (ARISTÓTELES, 2016, p. 190).

Os amigos têm hábitos comuns e Aristóteles cita o provérbio: “Não é possível conhecer um ao outro antes de ter consumido sal junto”, bem como cada um deve mostrar-se ao outro como digno de amizade (ARISTÓTELES, 2016, p. 193). A igualdade está sempre presente porque os amigos dão e recebem coisas parecidas um do outro. Bem entendemos a importância da afinidade: é ela que nos une ao outro e nos faz caminharmos juntos. Não há afinidade entre adulado e adulator como entre dois amigos. O amigo é o outro EU. Tampouco há igualdade entre bajulado e bajulador, pois o bajulador simula amar mais do que ser amado, além de ser um amigo em estado de inferioridade segundo Aristóteles (ARISTÓTELES, 2016, p. 200).

Aristóteles diz que a amizade consiste no fato de amar (ARISTÓTELES, 2016, p. 201). O amor possibilita que pessoas em condição de desigualdade se tornem amigos, como diz o filósofo:

É desse modo que mesmo os homens de condição desigual podem ser amigos, pois é possível estabelecer igualdade entre eles. Ora, a igualdade e a semelhança constituem a amizade, particularmente a semelhança daqueles que são semelhantes em virtude, pois sendo estáveis em si mesmos, eles permanecem assim também em suas relações mútuas e não pedem nem prestam serviços degradantes, mas pode-se mesmo dizer que eles colocam aí um obstáculo, pois é próprio dos virtuosos evitarem o mal e de não tolerá-lo em seus amigos. (ARISTÓTELES, 2016, p. 201).

A leitura deste trecho lembrou-nos a bela produção cinematográfica de Akira Kurosawa, *Dersu Uzala* (1975)⁸, na qual a amizade entre dois seres humanos desiguais, um militar russo e um caçador nativo da Sibéria, existe e sobrevive graças ao amor e ao respeito que um lado sente pelo outro. O enredo narra a história do Capitão Vladimir Arsenev, enviado em missão à região do Rio Ussuri, nas fronteiras da Rússia com a China. Ali, em um acampamento noturno na floresta, o militar conhece Dersu Uzala, um caçador habitante das florestas que se aproxima do grupo, acende seu cachimbo na fogueira dos soldados e aceita a hospitalidade dos militares que lhe oferecem comida. A atitude inicial dos soldados em relação ao homem, rude e de traços orientais, é de arrogância, como se pode esperar da classe caucasiana dominante, em sua suposta superioridade em relação

⁸ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=c_D8QSQmwB8, acesso em 03/04/2022.

ao autóctone siberiano, pertencente à minoria dominada. Dersu Uzala é, então, tratado por eles em tom de deboche. Entretanto, reconhecedor dos méritos do caçador nômade que conhece e domina a fauna e o território que requer reconhecimento topográfico por sua expedição, o capitão convida Dersu Uzala a conduzi-los como guia por aquela região por eles desconhecida. Enquanto os soldados, em sua mediocridade, seguem debochando do caçador, seu líder, o capitão, vai aprendendo com a sabedoria do nativo e sua experiência na floresta. Nada envergonhado de sua condição, Dersu Uzala ainda critica a inexperiência de um dos soldados, observando que se ele estivesse sozinho morreria no mato. O caçador não se coloca em posição de inferioridade, como um adulator, mas, seguro do conhecimento que possui de seu território, segue agindo como o autóctone que é. O capitão tampouco deixa de ser quem é em companhia de seu novo amigo, bem como jamais demonstra superioridade diante dele por pertencer ao grupo social dominante. Como disse Aristóteles no excerto que acima destacamos, ambos são semelhantes em virtude e por isso a amizade entre eles segue crescendo e se fortalecendo.

Nossos amigos são nossa felicidade, o amigo é importante porque é o *segundo eu*. Assim falou Aristóteles:

Afirma-se que aqueles que são perfeitamente felizes e se satisfazem a si mesmos não precisam de amigos, já que possuem todos os bens e, por isso, se bastam a si mesmos, não precisando de mais nada; ora, o amigo, que é outro “*si mesmo*”, tem por função fornecer o que o outro é incapaz de obter por si mesmo, de onde o ditado: “*Quando a fortuna é favorável, para que amigos?*” (ARISTÓTELES, 2016, p. 231, grifo nosso).

Falando sobre a natureza humana, Aristóteles nos lembra que o *zoon politikon* não foi feito para a solidão, daí a importância dos amigos para a felicidade do ser humano:

(...) Sem dúvida, é estranho fazer do homem perfeitamente feliz um solitário, pois ninguém escolheria possuir todos os bens desse mundo para viver só, pois o homem é um ser político e naturalmente feito para viver em sociedade. Portanto, essa característica pertence mesmo ao homem bom, já que ele possui as coisas que são boas por natureza. E é evidentemente preferível passar seu tempo com os amigos e homens bons que com os estranhos e ou companheiros casuais. É preciso então, ao homem feliz, possuir amigos. (ARISTÓTELES, 2016, p. 232).

5 A ADMIRAÇÃO DE ROUSSEAU POR PLUTARCO

Como citamos na introdução deste estudo, Jean-Jacques Rousseau foi um dos filósofos iluministas influenciados por Plutarco, como admitiu o próprio iluminista. De acordo com o pesquisador Rafael de Araújo e Viana Leite, Rousseau se autodeclarou admirador de Plutarco na segunda *Carta a Malesherbes*, datada de 12 de janeiro de 1762, afirmando que “(...) com seis anos Plutarco tombou-me nas mãos, com oito eu o sabia de cor.” (ROUSSEAU apud LEITE, 2019, p. 162).

Buscamos traços do estilo plutarquiano e dos temas que estamos estudando em duas obras específicas de Rousseau, as quais discutiremos a seguir.

A primeira obra do iluminista à qual nos referimos é o fragmento político *História da Lacedemônia*, traduzido e comentado pelo mesmo pesquisador Rafael de Araújo e Viana Leite, acima citado (LEITE, 2019). Assim como Plutarco, nesse texto Rousseau demonstra descontentamento com sua contemporaneidade, apreço pela moralidade, recusa ao vício e admiração pelo antigo povo lacedemônio (espartanos), por sua obediência às leis e aos costumes de sua época. Ao anunciar sua intenção de escrever a história dos lacedemônios, Rousseau afirma: “É portanto honrar e instruir a humanidade reunir esses preciosos monumentos que nos ensinam o que os homens podem ser ao nos mostrar o que foram.” (ROUSSEAU apud LEITE, 2019, p. 173).

Assim como Plutarco, Rousseau cita exemplos do passado e não dá nomes a casos reais de seu tempo, permitindo-se manifestar seu pensamento crítico ao mesmo tempo em que se preserva de possíveis acusações de seus contemporâneos.

Abaixo, reproduzimos as palavras de Rousseau sobre os lacedemônios. O iluminista exalta as virtudes desse povo, segundo ele transmitidas à posteridade por seus inimigos, o que torna mais notória sua *modéstia* e destaca ainda mais o seu *silêncio*:

Sei quais são os direitos sagrados da história, se honro a Lacedêmonia, honro ainda mais a verdade, e se esta história parece, por vezes, um panegírico, deve-se imputar isso menos a mim do que às virtudes desses sobre os quais agora falo ou aos monumentos que por mim foram consultados. Entretanto, custa-me conceber como o ciúme e a incredulidade ousariam lançar suspeitas de bajulação em relação a acontecimentos tão pouco suspeitos quanto os que compõem esta obra. Tudo transmitido à posteridade por nações estrangeiras ou inimigas, deve-se presumir que o bem é mais extenuado do que o mal, pois, quanto aos esparciatas, deixando para outros a preocupação de dar preceitos de virtude e contentes em dar-lhe o exemplo, não aviltaram sua glória exaltando-a. Sem louvarem a si mesmos e sem se preocuparem com os louvores de seus inimigos, eles acabaram por arrancá-los continuamente. Bravos e virtuosos em silêncio, não fizeram nada para obter a imortalidade senão merecê-la. (LEITE, 2019, p. 174, grifo nosso)

Retomando Plutarco e seu tratado sobre a tagarelice, veremos que o filósofo grego, ao discorrer sobre a cura desse mal, recomenda o treino da audição, da discricção, do silêncio, dos discursos concentrados e limitados, como os arqueiros citados por Platão, “que falam de maneira compacta, restrita e condensada” (PLUTARCO, 2008, p. 34). Fiel à metodologia casuística que caracteriza seu estilo, da mesma forma que cita Platão, Plutarco resgata outro caso da antiguidade no qual a síntese de comunicação e o silêncio destacam-se enquanto modelo de virtude exaltados pelo filósofo: a austeridade da educação dos lacedemônios, reconhecidos pelo rigoroso treino recebido desde a infância, como diz o filósofo grego:

E Licurgo, para que seus concidadãos adquirissem tal habilidade, habituou-os desde a infância, pelo silêncio, a restringir e a condensar. Do mesmo modo que os celtiberos fazem sua têmpera a partir do fogo enfiando-a na terra e depois eliminando dela todos os elementos terrosos, a linguagem lacônica não tem ganga, porém, almejando mais vigor, livra-se do supérfluo e bate o martelo. O que há de sentencioso e penetrante na elegância de suas réplicas é fruto de um longo silêncio. (PLUTARCO, 2008, p. 34, grifo nosso).

O *Discurso Sobre a Origem da Desigualdade*, escrito pelo filósofo em 1753 (ROUSSEAU, 2001, p. 3), é a segunda obra de Rousseau na qual buscamos traços da influência de Plutarco, baseando-nos para isso nos tratados do filósofo grego que estamos analisando neste estudo. O excerto abaixo, que nos chamou a atenção nesta obra de Rousseau, refere-se ao *amor-próprio*, descrito pelo filósofo iluminista com a mesma carga semântica negativa com a qual Plutarco o apresenta em *Como Distinguir o Bajulador do Amigo* (2015). Refere-se à nota de número 15 acrescentada por Rousseau ao final do referido discurso, que abaixo reproduzimos:

(15) – É preciso não confundir o amor-próprio e o amor de si mesmo, duas paixões muito diferentes por sua natureza e por seus efeitos. O amor de si mesmo é um sentimento natural que leva todo animal a velar por sua própria conservação, e que, dirigido no homem pela razão e modificado pela piedade, produz a humanidade e a virtude. O amor-próprio é apenas um sentimento relativo factício e nascido na sociedade, que leva cada indivíduo a fazer mais caso de si do que de qualquer outro, que inspira aos homens todos os males que se fazem mutuamente, e que é a verdadeira fonte da honra. Bem entendido isso, repito que, no nosso estado primitivo, no verdadeiro estado de natureza, o amor-próprio não existe; porque, cada homem em particular olhando a si mesmo como o único espectador que o observa, como o único ser no universo que toma interesse por ele, como o único juiz do seu próprio mérito, não é possível que um sentimento que teve origem em comparações que ele não é

capaz de fazer possa germinar em sua alma. (...) (ROUSSEAU, 2001, p. 62, grifo nosso)

Como dissemos no capítulo 3, Plutarco apresenta o amor-próprio como a base de operação do bajulador contra seu alvo no decorrer de uma amizade, caso este não conheça a si mesmo, pois sua vaidade dificulta um julgamento imparcial sobre si mesmo. O amor-próprio não é uma qualidade apresentada pelo filósofo como virtuosa. No capítulo 25 de seu tratado, Plutarco associa a expressão *amor-próprio* ao termo *arrogância*:

Por isso, começamos o nosso discurso recomendando, também agora recomendamos, que arrancássemos de nós mesmos o amor-próprio e a arrogância; pois esta nos bajula antes e nos torna mais enfraquecidos para os bajuladores externos, porque ficamos dispostos para recebê-la. (PLUTARCO, 2015, p. 89, grifo nosso)

O que nos chamou a atenção ao comparar os escritos de Plutarco com os de Rousseau enquanto admirador confesso do filósofo grego foi o reconhecido entusiasmo de ambos pela virtude e pela disciplina, expressa por eles na menção aos lacedemônios e sua maneira lacônico-silenciosa de se comunicar, pelo apreço à história e aos filósofos do período clássico e pela presença da casuística. As características de Plutarco que impressionaram Rousseau no séc. XVIII são as mesmas que impressionaram a nós, a ponto de torná-lo objeto desta monografia.

Ainda sobre a influência de Plutarco em Rousseau: o iluminista menciona o filósofo em sua famosa obra, *Os Devaneios do Caminhante Solitário* (2018), mais especificamente em a *Quarta Caminhada*, escrita por Rousseau durante a primavera e o verão de 1777. O filósofo manifesta seu apreço por Plutarco logo na primeira linha do primeiro parágrafo:

Dos poucos livros que leio ainda algumas vezes, Plutarco é aquele que mais me atrai e que me é mais útil. Foi a primeira leitura de minha infância, será a última de minha velhice; é quase o único autor que nunca li sem extrair algum proveito. Anteontem, lia em suas obras morais o tratado *O proveito que se pode tirar dos inimigos*. (ROUSSEAU, 2018, p. 49)

Na sequência, Rousseau descreve como encontrou no mesmo dia um jornal recebido de um de seus inimigos, o padre Rosier, cujo título continha as seguintes palavras em latim: *vitam vero independente, Rosier*. Segundo a tradutora Fúlvia Maria Moretto, o significado dessas palavras, cujo sarcasmo o filósofo logo percebeu, seria “àquele que dedica sua vida à verdade” (ROUSSEAU, 2018, p. 63).

Ora, a obra de Plutarco lida por Rousseau no mesmo dia em que encontrou o jornal publicado pelo padre Rosier é clara ao citar a habilidade dos inimigos em lidar com a parresia:

E visto que a amizade tem, nos dias de hoje, a voz débil para a franqueza no falar enquanto a adulação que dela vem é bem sonora e a sua admoestação permanece muda, é da boca dos inimigos que se deve escutar a verdade” (PLUTARCO, 2010, p. 186, grifo nosso)

Consciente de que seu inimigo lhe havia enviado um recado e, como um bom discípulo de Plutarco, Rousseau, num gesto de sabedoria, parte para um profundo exame de consciência sobre as mentiras que teria dito durante sua vida, como se refere neste excerto inspirado no epíteto do Templo de Delfos tão citado por Sócrates, Platão e Plutarco:

Para pôr em prática as lições do bom Plutarco, resolvi usar a caminhada do dia seguinte para me examinar sobre a mentira e vim com a opinião já bem confirmada de que o conhecer-te a ti mesmo do Templo de Delfos não era uma máxima tão fácil de seguir quanto o julgara nas minhas Confissões. (ROUSSEAU, 2018, p. 49)

Mais uma vez Plutarco nos deixa uma lição por meio de ninguém menos que seu discípulo tardio, Jean-Jacques Rousseau: a de que nossos inimigos dizem sobre nós aquilo que não queremos ouvir; escutá-los será uma questão de sabedoria e nobreza de nossa parte, uma oportunidade para revisar nosso comportamento e conhecer um pouco mais sobre nós mesmos, como bem sugeriu a antiga inscrição no Templo de Delfos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Plutarco analisou e discutiu a questão da garrulice e da bajulação dentro do contexto político e social de sua época. O estudo de seus tratados levou-nos à conclusão de que nada mudou no comportamento humano desde sua época até agora: independentemente das condições de tecnologia existentes na contemporaneidade, as relações de poder e submissão que regiam as antigas cortes, passando pelos tempos medievais e modernos até o momento continuam as mesmas.

Desde a antiguidade, em contexto político ou social, a tagarelice é o holofote do qual se serve o falador para buscar reconhecimento social e encobrir sua inferioridade, seja quando divulga os segredos militares que ouviu na corte ou quando instiga a maledicência em ambiente de trabalho. O estudante tagarela aborrece seus professores na sala de aula onde dá margens à sua curiosidade sem limites. Na vizinhança, o falador torna-se malquisto espalhando histórias de infidelidades conjugais. Acreditando-se amado, como nos tempos de Plutarco, o tagarela segue provocando o riso daqueles que o observam.

Da mesma forma, quem está no poder continua sendo alvo dos bajuladores: nestes tempos de pandemia, ainda é possível vermos um mau governante sendo aplaudido por seus seguidores mesmo após declarar publicamente que não se vacinará contra a COVID por já ter contraído a doença. O bajulador continua tirando vantagem do ufanismo de quem é influente e coloca os próprios interesses acima dos da coletividade, exatamente como os contemporâneos de Plutarco.

Como nos tempos de Fálaris e Dionísio, os técnicos de saúde da corte contemporânea, defensores das vacinas, ainda sofrem perseguição pelas formas modernas de tirania conhecidas como assédio e *bullying*. Isso tampouco mudou.

A tecnologia da atualidade aparelhou a filáucia humana com instrumentos que, em vez de combatê-la, serviram para alimentá-la e disseminá-la de forma pouco construtiva. As redes sociais tornaram-se meios de divulgação narcisistas do *eu* nem sempre favoráveis ao desenvolvimento do conhecimento proposto por Plutarco para a cura do amor-próprio. A tecnologia nos trouxe benefícios mas também possibilitou a divulgação nem sempre responsável de *selfies*, elucubrações, preconceitos e opiniões muitas vezes ortodoxas, sem quaisquer autocríticas, com ou sem o apoio de bajuladores. As redes sociais tornaram-se campo fértil para a banalização da verborragia imprudente que supera

o silêncio augusto. A parresia dos verdadeiros amigos, a *philia* por excelência, segue imprescindível para que, na época da informática, voltemos a buscar o conhecimento que Sócrates, Platão e Plutarco dedicaram-se a nos ensinar. Porque apesar do desenvolvimento tecnológico, algumas virtudes acabaram esquecidas.

É tempo de resgatar os valores que os antigos filósofos plantaram e voltar a semeá-los em nossas escolas e universidades. Se Rousseau já sabia Plutarco de cor aos oito anos de idade, nós formandos, prestes a deixar a faculdade de filosofia, também deveríamos saber. Contemporaneamente, Michel Foucault incluiu o filósofo em suas aulas ministradas no *Collège de France* no início da década de 80. Se não tivemos a mesma sorte que os estudantes de Foucault cabe a nós enriquecermos nosso arcabouço filosófico buscando Plutarco e seus ensinamentos por conta própria, bem como compartilhando esse conhecimento com nossos alunos no caso daqueles que partiram para a docência.

Acreditamos que os ensinamentos de Plutarco e seus mestres muito têm a contribuir para o aprimoramento humano nas camadas sociais nas quais a psicanálise e a psicoterapia de alto custo não conseguem chegar. Muito similar ao que Plutarco ensinou é, tantas vezes, o que nossos psicoterapeutas nos ensinam, bem como surpreendente e novas aos nossos ouvidos ainda podem soar as palavras escritas por ele há dois milênios. Não importa se ele viveu antes de Descartes. A compreensão que Plutarco tinha da natureza humana segue um convite para silenciar nossas palavras e abriremos nossos ouvidos à sua franqueza, buscar o autoconhecimento que ele nos recomenda e renunciar ao amor-próprio com a humildade que levou o nobre Filopapo a ouvi-lo no século I e o sábio Rousseau a segui-lo no século XVIII.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. São Paulo: Martin Claret, 2016.

BECHARA, E. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORBA, F. S. e colaboradores. **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2004.

COMO elaborar referências bibliográficas, segundo o estilo de Vancouver. **UFSC**. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/ccsm/vancouver.html>>. Acesso em 10 mai. 2014.

DIAS, A. C. S. P. **Alcíbiades Primeiro de Platão: estudo e tradução**. São Paulo: USP, 2015. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-09102015-140733/publico/2015_AnaCristinaDeSouzaPiresDias_VCorr.pdf>. Acesso em 10-04-2022.

FARIA, A. C.; CUNHA, I.; FELIPE, Y. X. **Manual prático para elaboração de monografias**. 6ª. Ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEITE, R. A. V. **Tradução de três fragmentos políticos de Jean-Jacques Rousseau: “Paralelo Entre as Repúblicas de Esparta e de Roma”, “História da Lacedemônia” e “Fragmentos sobre a História Antiga”**. Kínesis, 2019; Vol. XI, no. 26 (Ed. Especial), p. 162-180. Disponível em <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjCgZLTx7H1AhV-qZUCHZ8DDbgQFnoECAIQAQ&url=https%3A%2F%2Frevistas.marilia.unesp.br%2Findex.php%2Fkinesis%2Farticle%2Fview%2F8762%2F5636&usg=AOvVaw2r90tFkvDJ0yZvFXkn44Dy>>. Acesso em 14-jan-2022.

MARCONDES, D.; FRANCO, I. **A filosofia: o que é? Para que serve?** Rio de Janeiro: Zahar: Ed. PUC-Rio, 2011.

MANUAL DO TCC, **UNB**. Disponível em: <<http://fac.unb.br/tcc/>>, Acesso em 27.dez.2021.

PAULA, M. G. **Como distinguir um adulator de um amigo: uma reflexão a partir de Plutarco**. YouTube, 17-jul-2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gxsQCFbHYE0>>. Acesso em: 3-set-2021.

PLUTARCO. **Como distinguir o bajulador do amigo**. São Paulo: Edipro, 2015. Tradução de Mariana Nunes Ribeiro Echalar.

PLUTARCO. **Sobre a tagarelice e outros textos**. São Paulo: Landy, 2008. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva.

PLUTARCO. **Obras Morais – Como distinguir um adulator de um amigo, Como retirar benefícios dos inimigos, Acerca do número excessivo de amigos**. 1ª. Ed. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2010. Tradução de Paula Barata Dias. Disponível em <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/2396/9/sobre_a_amizade.pdf>. Acesso em 20 jun. 2019.

ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre a origem da desigualdade**. Domínio Público, 2001. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000053.pdf>>. Acesso em 15-jan-2022.

ROUSSEAU, J. J. **Os devaneios do caminhante solitário**. São Paulo: Ed. Nova Alexandria. 2018.